



TRINITY Livre

À
Biblioteca Pública de

Braga

2
SETEMBRO
1961

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 — AMARES

Estão eleitos e empossados

OS NOVOS CORPOS GERENTES DA «SOPA DOS POBRES»

A «Sopa dos Pobres» é das instituições mais florescentes e lindas no nosso Concelho. Não erraríamos se a colocássemos em primeiro lugar.

Fundada pelo sr. Arcipreste Padre José Joaquim da Costa Azevedo e pelo benemérito Luiz Gonzaga Calheiros de Abreu teve desde logo como patrono o Doutor Pádua, figura lídima de profissional probo e sabedor, notável chefe de família, perante cuja figura nos curvamos em bem merecida reverência.

Em breve a Instituição haveria de chorar e sentir a falta dos seus dois fundadores, prematuramente falecidos. Continuou a sua preciosa existência até que há três anos os seus quadros directivos foram remodelados e o organismo graças aos novos dirigentes e à ajuda preciosa do nosso prestigioso arcipreste e presidente da Comissão Muni-

cipal de Assistência conseguiu comprar um amplo edifício para a sua sede ao mesmo tempo que integrava a Sopa do Pobres da Comissão Municipal e alargava substancialmente a sua acção.

Ao nomear os novos corpos dirigentes teve-se em conta dar à Instituição homens capazes de a desenvolver até ao limite das necessidades locais. Para presidente foi escolhido o sr. D. António de Azevedo Sá Coutinho figura de cuja integridade jamais alguém duvidou e cujos dotes de inteligência e de amor às coisas sérias é bem conhecido. Amigo que desde sempre estimamos muito pela independência e lisura de processos vai comandar um organismo que lhe está no pensamento e sempre lhe esteve no coração.

Os restantes corpos gerentes ficaram assim cons-

Continua na 4.ª página

«Isso foi o sinal para mim...»

A fuga em massa da Zona Soviética da Alemanha Fechou-se o caminho que leva à liberdade

A fuga em massa da Zona de Ocupação Soviética da Alemanha assumiu formas assustadoras, quando os dirigentes políticos dessa zona fecharam há alguns dias as fronteiras dos sectores para interceptar o caminho que leva à liberdade. Mais de 2.000 pessoas tinham vindo em cada dia para a parte ocidental da antiga capital da Alemanha. Quais foram os motivos que os induziram a abandonar a sua terra natal, o seu lugar de trabalho, os seus haveres e, em muitos casos, até mesmos membros da sua família? Formulamos estas perguntas e recebemos numerosas respostas.

Um lavrador cuja propriedade foi «socializada» e integrada numa colchose contou-nos: «A coisa começou com a morte em massa do gado. A razão deve estar nas forragens recebidas da União

Soviética. Veio em seguida o Serviço de Segurança do Estado, a polícia secreta» — «Não veio o veterinário?» — «Não, o Serviço de Segurança do Estado. Procuravam-se culpados e fomos submetidos a interrogatórios ininterruptos. O gado continuava a morrer. Começaram as detenções.» — «Em face disso. Você resolveu fugir?» — «Ainda não. Mas nessa altura a União Soviética anunciou que concluiriam um tratado de paz separado com o nosso governo e nós chegamos a uma conclusão: isso significa a separação definitiva da parte ocidental do nosso país e ninguém mais sairá daqui. Isso foi para mim razão suficiente para fugir sem que ninguém desse por isso».

Um operário industrial de uma grande empresa relata: «Entre os operários o estado

Continua na 5.ª página

Chefe de Secção de Finanças

Por ter sido promovido à 2.ª classe e colocado em Ponte de Lima, abandonou as funções de Chefe da Secção de Finanças do nosso Concelho o sr. Henrique Vessadas Gonçalves, que aqui serviu durante três anos.

Funcionário distinto, lhan de trato, atento ao exemplar cumprimento das suas funções sem se tornar menos correcto para com os justos anseios dos contribuintes, deixa as maiores amizades e unânime admiração.

Sem facção as suas atenções repartiram-se irremediavelmente revelando uma educação elevada e um sentido da missão que merece os maiores incómos. Fazemos votos pelas suas prosperidades profissionais e particulares, que vem merece.

A' meia noite os martelos pneumáticos começaram a trabalhar

13 de Agosto — data decisiva para Berlim — 15.000 archotes propagam a liberdade

A noite de 12 para 13 de Agosto começou como todas as noites de fim de semana, há muitos anos, na antiga capital da Alemanha. Alemães de ambas as partes da cidade visitavam-se a ambos lados da linha de demarcação dos sectores. Inúmeros habitantes do sector soviético tinham vindo, mais uma vez, por algumas horas para as zonas livres, passeando pelas avenidas iluminadas de Berlim Ocidental, admirando os artigos nas montas; outros dançavam nos bares ouvindo ritmos condenados pelo regime totalitário, além da linha de demarcação do sector, como sendo «contrárias à sociedade», ou entregavam-se em cinemas e teatros a prazeres sem tendências políticas.

Muitos tinham ido dos sectores ocidentais para a parte leste, em visita a amigos e parentes menos felizes. Apesar de as autoridades do sector soviético de Berlim terem proibido o chamado «tráfego particular de mercadorias» os visitantes traziam nos seus bolsos pequenos presentes: limões, laranjas, cigarros, um par de meias de perlon ou até mesmo uma libra de manteiga — artigos correntes na Alemanha Ocidental e em Berlim Ocidental, mas cobiçados como raridades na zona de ocupação soviética.

A bela noite de verão de-

Perguntou a Salazar o Jornalista Brasileiro:

«E no dia em que morrer? — Resposta:

«O Governo continuará; Morre o Homem, fica o Regime»

Sob um título a toda a largura da primeira página, publicou ontem o vespertino «O Globo» a anunciada entrevista do seu redactor principal, Alves Pinheiro, com o Presidente do Conselho português, Prof. Oliveira Salazar, que aparece numa fotografia, sorridente e de fato claro, a conversar com o jornalista brasileiro.

«O Governo não é pessoal» — escreve Alves Pinheiro, ao apresentar aos leitores do «Globo» aquilo a que se convencionou chamar «o caso

português». E acentua: — «Não é o Governo de um homem; funciona com os seus órgãos constitucionais; existe um regime; existe um organismo; existe uma maturidade política.»

Como vê, porém a oposição esta evolução da vida política portuguesa?

O mal, confessou Salazar ao jornalista brasileiro, é que se colocam sempre numa atitude de desafio.

Salazar afirmou, depois, que julga não precisar já a Imprensa, em Portugal, de censura, a qual, segundo assinala Alves Pinheiro, está a desaparecer gradualmente.

O Presidente do Conselho português referiu-se também ao Brasil, dizendo estar convencido de que não deixará o grande país irmão de reexa-

Continua na 4.ª página

Convocação

De harmonia com o disposto no Art.º 29.º do Código Administrativo convoco o Conselho Municipal de Amares para a sua segunda sessão ordinária do corrente ano, que terá lugar no Salão Nobre do Edifício dos Paços do Concelho no dia 8 do próximo mês de Setembro, pelas 14 horas. Amares 31 de Agosto de 1961

O Presidente da Câmara, Eduardo Gonçalves

PANORAMA CONCELHIO

Concluindo os artigos que tanto me preocuparam para dar uma ideia pálida aos estimados patrícios e leitores da Tribuna auzentes das suas terras que tanto devem amar, para ficarem a saber do seu desenvolvimento e progresso que está na ordem do dia das preocupações do Governo e até dos próprios habitantes que o desejam auxiliar em tudo que sirva de pretexto para agradecer o sacrifício de uma Nação com um chefe que conseguiu incutir ao povo ânimo, confiança e fé nos destinos da

Pátria, vamos hoje ocupar-nos com as freguesias até agora emitidas as quais em conjunto pouco espaço ocupam porque sendo excentricos e de natureza agrícola vivem do carinho Municipal e Estadual na parte que lhes pode dizer respeito e o resto tem de ser por força da vontade dos seus filhos o que já se verifica em escala rasoável.

Besteiros, Prosêlo, Bico, Seramil, Paredes Secas e Paranhos tem a sua escola nova e

(Continua na 3.ª página)

TRIBUNA FEMININA

Coordenada por JORNAL FEMININO

A mulher perante a Vida — Culinária

Tempos houve em que o mancebo que aspirava a mão de donzela de nível social superior ao seu era castigado com a morte. Hoje já tal não sucede, naturalmente, mas há ainda, apesar de todas as ideias modernas que regem a nossa vida, uma certa relutância (sobretudo da parte dos Pais de filhos ou filhas casadoiras) em aceitar e consentir as chamadas «uniões desiguais». A mocidade, sempre generosa, mas inexperiente e cega, quando se trata de amor julga que ele tudo resolve, que a presença da pessoa amada tudo fará esquecer. E algum exemplo conhecido mais a fortalece na sua opinião. Os pais, porém, mais avisados, sabem que esse exemplo deles também não ignorado, não é senão a exceção que confirma a regra. E esta é que, se o candidato a marido (ou a esposa) não paga com a vida a «ousadia» de querer para consorte pessoa de meio mais diferente, o preço é, muitas vezes, de certo modo superior: a felicidade de ambos os conjuges, dos filhos dos pais até...

No entanto, tais casamentos são, até, relativamente frequentes: é o filho do sapateiro que casa uma jovem professora, o filho da padeira que escolhe para mulher a filha de um médico, a filha de um advogado que casa com um pequeno empregado de escritório, cujo pai é operário.

Tais exemplos honram o nosso tempo, a liberdade de ideias a igualdade do homem perante Deus e a Lei. Mas qual o aspecto particular de cada um desses casos? Destes três exemplos meus conhecidos que citei, o primeiro deu um casal feliz; o segundo uma família absolutamente normal, em que ambos se zangam e fazem as pazes com a mesma facilidade que quaisquer outros; o terceiro resultou num fracasso absoluto — já previsto pela família da noiva, que hoje, mulher casada, depois de cada questiúncula corre banhada em lágrimas, para casa da mãe, a fazer queixas do marido «impossível» — por ela livremente escolhido, contra a vontade de toda a família.

Três casos aparentemente semelhantes e nos quais, por acaso, a noiva era sempre de posição social superior à do noivo. Três histórias de amor, das quais apenas uma se realizou como os seus protagonistas desejavam. Porquê?

A mulher tem mais facilidade de adaptação que o homem e, por isso raramente se fala nos casamentos em que uma ex-costureirinha quase analfabeta casa com um arquitecto ou uma antiga criada se torna esposa de abastado comerciante ou proprietário. Com a sua

intuição ele vê o que dela se espera, vai-se polindo, copiando, adaptando — é, se é inteligente e tem um marido compreensivo, que a ajuda e acompanha os seus esforços, um dia ninguém mais nota a mínima diferença e poucos acreditariam que tão encantadora senhora tenha sido uma simples costureira ou criada de servir.

O mesmo, porém, se não dá com o homem. A sua profissão, regra geral, continua a mesma (a não ser que o sogro o chame para o seu lado e o vá iniciando nos segredos da própria profissão, se tal for possível — o que, no entanto, é uma amarga pilula para o amor próprio do candidato a marido, que reconhece não ser suficientemente bom para a almejada dama dos seus sonhos) os seus amigos e familiares os mesmos são. Portanto é a mulher que tem de descer até ele, fazendo por se sentir bem no meio mais simples a que não está habituada. Tal, porém, não é fácil. Há choques inevitáveis, uma palavra puxa a outra, e aí estão frases que nunca mais serão esquecidas: «é o que acontece a quem casa com uma filha-família», suspirará ele. E ela, abespinhada, talvez retruque: «vê lá se ainda querias mais do que já fiz por ti! Deixei a boa vida que levava, os meus amigos, os divertimentos, só por tua causa — e os agradecimentos são estes! Ora ninguém gosta que lhe seja apontado, com tais palavras, tudo o que se perdeu «só por causa dele».

Uma situação destas exige da mulher que ela seja inteligente possui muito tacto, seja conciliadora — e ame o marido verdadeiramente. É necessário que ela seja mais forte, mais apta para a luta pela felicidade do que a irmã que casou com um colega de Liceu ou Faculdade, bom partido, filho de velhos amigos dos Pais. E que esteja pronta a fazer em silêncio, pequenos sacrifícios, consciência de que só assim conseguirá atingir uma meta — a felicidade do casamento.

Disse há pouco que o primeiro dos meus três exemplos é, de facto, um casal exemplar. Tal só foi possível por existir realmente, da parte dos dois, muito boa vontade. Quando casaram foram viver para longe dos Pais de ambos. Mobilaram uma casinha amorosa, e ela passou a ser apenas dona de casa. Nada faltava ao até aí pouco amimado rapaz. A mãe, operária, não tinha tempo de o trazer tão bem arranjado nem de cozinhar os seus acepipes preferidos, como a mulher passou a fazer. Ele, por sua vez, agradecia-lho esforçando-se por lhe proporcionar o bem estar a que estava

habituada. E se, por vezes, tal não conseguia, ela animava-o: «que mal tem não me poderes comprar agora um vestido novo? tenho que chegue... e muito mais ainda, porque te tenho a ti.

Quando iam visitar os pais dele à pobre casa de ilha em que viviam, ia vestida com simplicidade, quase sem pintura, e levava sempre uma fruta uns bolos, ou uma garrafa do vinho preferido do sogro. E se os pais lhe ofereciam ajuda, respondia invariavelmente: «tenho tudo o que preciso e ainda um bom marido». Toda a gente dizia que ela teve muita sorte, pois o marido trá-la «nas palmilhas» — e é verdade. Mas acreditam que tenha sido, apenas, obra da sorte? Não pensam, como eu, que essa mulher feliz comprou a sua felicidade com a inteligência, tacto, devoção e carinho que Deus lhe deu, mas que ela soube usar da maneira própria? Não foi, decerto, fácil, mas as grandes tarefas só podem ser realizadas pelas grandes almas.

Leitora, se o seu caso é um destes, se pensa casar com um rapaz socialmente inferior a si, pense bem se será capaz de proceder de maneira a que não tenha de vir arrepender-se. Porque só assim vale a pena. A vida pode ser muito bela mesmo em condições desfavoráveis — mas é preciso ter coragem e saber atingir o píncaro de difícil acesso em que a felicidade, frequentemente, se esconde.

Por que será que as mulheres são assim?

Fiquei satisfeito ao ler, no último número, a carta do meu desiludido companheiro de infortúnio. Até que enfim nós homens, teremos ocasião de perguntar publicamente: «por que é que «elas» são assim?» É aliás uma pergunta que faço muitas vezes. Nunca encontrei resposta nem espero vir a encontrar. Mas conto-lhes o meu caso, igual, talvez, ao de muitos palpavos que por aí andam.

Nasci pobre e humilde, mas com uma vontade enorme de singrar na vida. Fiz tudo quanto me apareceu, trabalhei como um escravo — mas consegui. Ao fim de vinte anos de lutas, suores e previsões tinha uma situação desafogada, dois carros, uma vivenda com quintinha. Resolvi casar, fundar um lar, ter uma família que me compensasse da vida ainda dura que, fora de casa, tinha de continuar a levar.

Os arvoredos densos à beira da estrada, as frescas margens dos rios ou ribeiros ou, ainda, a brisa marítima, convidam-nos a passar um despreocupado e alegre dia de repouso em sua companhia. Um grupo de amigos resolve-se a ir passar o dia aqui ou ali, combina-se a hora da partida, quem vai e os discos que se levam — e, é claro, as donas de casa tratarão do «resto». Ora este resto, ou seja o indispensável para que o planeado pique-nique seja um sucesso, é de suma importância — pois a maior frescura à beira-rio não será apreciada em condições com a barriga a dar horas...

O que convém levar para um dia fora de casa? A juventude desenvolve um óptimo apetite e não se contenta com umas sandes e fruta. Portanto é bom, como prato de fundo, preparar, em quantidade suficiente, uma boa mayonnaise de atum (com batata, cenoura, ervilhas, vagens, rabanetes, atum, etc.) ou arroz e bifés. Num caso noutro caso, deve evitar levar as comidas em recipientes de alumínio, onde os alimentos facilmente azedam e ganham gosto.

Pode levar, também, uns filetes de peixe, croquettes de carne ou rissois, sempre apreciados para se ir mastigando pelo dia adiante; sandes variadas; e, sobretudo, fruta e bebidas refrescantes. Mas evite os alimentos muito condimentados, o que perturba a digestão e aumenta a sede, a fruta

insuficientemente madura, que pode provocar uma enterite perigosa, e as bebidas às refeições, pois a sensação de sede desaparece mais eficazmente se os líquidos forem tomados entre aquelas.

Não se esqueça de levar talheres que cheguem para todos, bem como pratos e copos, pois é sempre aborrecido verificar que um dos convivas foi esquecido. E guardanapos de papel, úteis para vários fins.

E, agora, antes de lhe desejarmos bom apetite e um feliz dia, algumas receitas de pratos que com facilidade poderá confeccionar e todos lhe louvarão:

Mayonnaise de atum

Coze-se uma porção de batatas e outros legumes a gosto. Depois de tudo cozido cortam-se as batatas e legumes em pedacinhos, mistura-se com atum de conserva e cobre-se com molho de mynnaise.

O molho prepara-se da seguinte maneira: numa tigela de porcelana bata em creme uma gema de ovo. Depois continue a bater, juntando-lhe, gota a gota, azeite ou óleo, conforme a preferência. Começando a engrossar pode deixar o azeite em fio fino. O essencial é que não pare de mexer; é conveniente também que os ingredientes usados (gema e azeite) estejam à mesma temperatura ambiente, quer dizer: uma mayonnaise feita com um ovo que se tirou do frigorífico e azeite da dispensa, pode destalhar facilmente.

Se a mayonnaise, apesar de todos os cuidados, destalhar, comece com outra gema. Mal tenha um creme goosso pode, em vez de mais azeite, usar a anterior mayonnaise destalhada, aproveitando-a assim, pois a nova mayonnaise não destalhará por causa da primeira.

Para um ovo deve usar-se entre 1/4 e 1/2 litro de azeite.

Filetes de peixe

Os filetes podem comprar-se já preparados, de pescada, cherne, etc. Tempere-os com sal, pimenta, sumo de limão, vinho branco e um pouco de azeite. Neste molho deixam-se ficar a marinar durante 2 horas.

Escorrem-se muito bem, passam-se por farinha de trigo e ovo batido e fritam-se em bastante óleo fervente.

Leia, Assine

Publique no

«Tribuna Livre»

Visado pela Censura

Continua na 4.ª página

TRIBUNA do CONCELHO

PANORAMA CONCELHO

Continuação da 1.ª página

boas vias de comunicação e que provam o zelo do Município com o auxílio do Estado. Se não fossem as duas entidades estaríamos como até 1926. À espera de um compadre com influência partidária para arranjar o que prometia se o «partido» não estivesse de costas no dia seguinte à promessa do pedido feito. A grande verdade é que o corneiro com batatas e os parlamentarismos gastaram o dinheiro e o tempo e tudo ficou por fazer para a geração do sacrifício que vai, por Deus, legar aos vindouros em Portugal instruído e materializado que honrará quem trabalha apenas para o Bem da Nação. O povo trabalha, sofre, reza como nesse tempo mas já vem das suas terras ao povoado em boas Camionetes da Empresa Hoteleira e vai cumprir as suas promessas e pagar as

contribuições de pé enxuto e camisa seca sem a poeira imunda das estradas raras que se viam no tempo que se cantava o «ai-ó-Linda».

Desejo antes de determinar referir-me também à freguesia de Caldelas por ter a parmaia da beleza e da riqueza mineral-medicinal das suas famosas águas, internacionalmente conhecidas pelos resultados obtidos pelos enfermos que aos milhares as procuram. Amares acarinha essa linda freguesia porque leva longe o conhecimento do seu nome em cofres do Município considerável receita mas não está na sua mão fazer o muito que essa terra precisa para deixar de ser uma instância só para doentes...

Terminando rezemos com fé pela saúde e vida do grande português que ama a Pátria e vive para os seus filhos: SA-LAZAR. *Elisio Gonçalves*

CAIRES

Novos Mordomos de S. Pedro Fins.

Foram nomeados, eleitos, e que já tomaram posse, no passado Domingo, os nossos mordomos que vão administrar os destinos, progressos e melhoramentos na Capela e no Monte de S. Pedro Fins, durante dois anos, e que vão fazer com toda a solenidade possível, a grandiosa festividade de no próximo ano de 1963 em Caires. São os seguintes:

Luiz: Ex. mo Senhor Dr. Paulo Rebelo Barbosa de Macedo, Amares: Secretário, Luiz Gonzaga da Silva, (Junta de Caires): Vice-Secretário, Manuel Joaquim Almeida Vieira, (Comissão de Melhoramentos): Tesoureiro, António Joaquim Dias, (Industrial e mestre de Obras): Mordomos, 1.º José Joaquim Almeida Coelho, Paço: 2.º Domingos José Fernandes, Roupeiro: 3.º José Rosa de Abreu, Roupeiro: 4.º Marcelino Pinheiro, Outeiro: 5.º Domingos Machado Rodrigues, Freixeiro: 6.º Alberto José Rodrigues, Freixeiro: 7.º José da Silva Machado, Freixeiro: 8.º Augusto José Antunes de Almeida, Freixeiro: 9.º João Machado Antunes Vieira, Sobrado: 10.º Benardo António Antunes, Sobrado: 11.º Luiz Alves, Pênas: 12.º José Joaquim Machado Coelho, Soutelo: 13.º Alberto António da Silva, Veiga de Pena: 14.º António Fernandes, Pênas: 15.º Joaquim Machado Rodrigues, Outeiro: 16.º João Pinto, Outeiro: 17.º Adolfo Manuel Machado Pinheiro, Freixeiro: 18.º Do-

mingos Rodrigues, Paço: 19.º Domingos Costeira de Sousa, Paço: 20.º José Joaquim Baptista, Paço: mordomas (todas solteiras): 1.º Irene da Conceição Pereira Alves, Cal: 2.º Carmelina da Assunção de Carvalho, Cal; 3.º Maria Rosa Coelho Machado, Soutelo: 4.º Rosa Maria Martins Soutelo: 5.º Maria Arantes Esteves, Pênas: 6.º Maria da Silva, Lugar Novo: Maria de Fátima Pala da Silva, Monte

Continua na 4.ª página

Estradas para S. Pedro Fins

e Igreja de Goães

A Câmara Municipal de Amares deliberou na sua última sessão pedir aos Serviços de Engenharia e Fomento da Junta Distrital de Braga a elaboração dos projectos das estradas para São Pedro Fins e para a Igreja de Goães.

Desta maneira caminha-se resolutamente para que o Santuário e o Monte de São Pedro, tão conhecidos e admirados tenham finalmente a estrada que os povos do concelho tanto ansiavam.

Também a Igreja de Goães, conforme vontade expressa pelo seu pároco, vai ter a estrada de que precisa pela comodidade e que merece pelo seu valor arquitectónico.

Os pedidos já foram feitos superiormente.

De CALDELAS

A veiga de Sequeiros vai ter mais água de rega — «Estrada Caldelas-Paranhos».

Caldeias, 29 — Afim de resolverem importantes obras referentes à grande nascente de Ramalha, estiveram na vizinha freguesia de Sequeiros os senhores: Engenheiro Chefe da Secção de Estudos da Hidráulica do Douro e o sr. Engenheiro Chefe da Secção Hidráulica de Braga, que se reuniram com todos os interessados e acordaram sobre as obras a fazer para assegurarem regas abundantes. Esta obra, há muito esperada, vem irrigar, além doutras, a grande veiga de sequeiros que sem água pouco ou nada produz.

— Fei com grande satisfação que se tomou conhecimento do subsídio de 196.000\$00 concedido pelo Ministério das Obras Públicas para a estrada Caldeias-Paranhos.

Também se aguarda, com grande ansiedade a distribuição de água putável ao domicílio.

O correspondente,

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos:

Hoje — o sr. Rui Manuel Arantes Rodrigues.

* * *

Passa o seu vigésimo quarta aniversário natalício, no próximo dia 6 de Setembro, o nosso conterrâneo e assinante deste jornal, sr. José Maria Rocha Almeida, ausente no Rio de Janeiro.

Por tão faustos data, seus irmãos e mais família, felicitam-no e fazem votos que esta se repita por muitos anos, na mais sã das felicidades.

Tribuna Livre, associando-se a este acontecimento envia daqui as suas felicitações ao ilustre aniversariante, desejando que esta data se faça repetir por intermináveis anos.

Dr. João Arantes

Aproveitando a oportunidade de o Sr. Dr. João Arantes Rodrigues se encontrar em casa de sua família e com o fim de lhe retribuirmos uma visita que cada um, há tempos, fizera, deslocaram-se, na 3.ª feira, a Soutelo, a apresentarem-lhe cumprimentos, os Senhores P.º José Miranda, Felix Ribeiro, António Marinho, Belmiro Carvalho, António Paredes e Joaquim Monteiro.

CARTA DE LAGO

***** Meus caros amigos ausentes *****

As minhas saudações e votos de prosperidades para todos vós.

Refiro-me como é natural às prosperidades físicas, económicas e morais. E, agora as notícias.

Baptizado

No dia 20 de Agosto recebeu as águas baptismas Adelaide de Fátima Machado da Rocha, filha legítima dos senhores Paulo Gomes da Rocha e Custódia da Silva Machado. Foram padrinhos Alfredo Veloso e Adelaide de Fátima Machado Pinto, aquele de Lago e esta de Rendufe, Amares;

Casamento

Está a chegar a época dos casamentos da aldeia. O São Miguel está à vista e o frio aproxima-se... Por isso realizou-se em 19 do corrente mês o casamento de Manuel José Macedo, pedreiro, filho de Olívia Rosa Macedo, com Maria da Conceição Antunes Teixeira, filha legítima de Domingos Teixeira e Ana da Costa Antunes. Que Deus os ajude a serem felizes, são os meus votos. Digo assim porque a felicidade dos esposos está principalmente em saberem e quererem fazer a vontade de Deus.

Já terminaram os proclamas de mais dois pares que pretendem casar-se. Os respectivos processos no civil estão quase no fim. Mas, não vos digo hoje os nomes porque seria um pecado

que os noivos me não perdoariam.

Casamentos sem pés...

Nem cabeça? Direis certamente. Realmente fazem-se, melhor tentam-se casamentos que parece não haver cabeças com miolo tanto nos candidatos a noivos, como nos pais e nos alcobiteiros. Não falo das alcobiteiras porque tal fama já se adivinha imprescindível. A demonstração é fácil. Namorar à semana e ao domingo, de dia e à noite (às vezes dentro de casa por ser ainda mais chique) aumentar o luxo acima das possibilidades, usar roupas decotadas e sem mangas, ou mal nascidas... ausentarem-se os namorados para lugares suspeitos, namorar com homens de classe superior... serão precisas melhores provas na demonstração da falta de miolo? É com uma preparação assim, sem miolo nas cabeças responsáveis, que, às vezes, se fazem casamentos sem pés nem cabeça!

Desastre

No lugar de Santa Marta a pequena Maria Augusta Ribeiro Soares subiu a uma árvore e caiu sobre um pau que lhe ofendeu bastante o ventre. Conduzida ao Hospital de São Marcos verificou-se que o seu estado era grave. Há momentos informaram-me que o estado da pequena não é desesperado e tem experimentado melhoras.

Tem 10 anos e é filha dos

(Continua da 4.ª página)

De visita

Esteve na nossa Redacção a apresentar cumprimentos e a indicar novos assinantes, o senhor António José Ferreira, filho deste concelho e residente na Travessa do Arço da Praça, 22-Lisboa.

Ao mesmo tempo solicitei que por intermédio do nosso jornal agradecesse a todas as pessoas que assistiram ao funeral do seu pai, Emílio José Ferreira, da freguesia de Barreiros deste concelho.

ANEDOTA

— Sabes que diferença há entre um aparelho de telefonia uma mulher?

— Não sei!

— É simples: a telefonia, fazemo-la calar, quando queremos; a mulher... nunca!

Carrazedo

Amares e o seu progresso

Constatamos na nossa passagem pelo Largo Dr. Oliveira Salazar que vamos ter em breve a inauguração de um Café monumental construído no centro do formoso largo. As obras prosseguem em ritmo acelerado e o grande sonho transformou-se na realidade viva dos grandes pensadores do progresso que querem oferecer à terra e à Nação o vigor imortal da raça Luziada. Parabéns e que o futuro seja próspero aos animadores da vida de um povo agradecido a quem por ele se sacrifica.

C.

Visdo pela censura

Por que será que as mulheres são assim?

Continuação da 2.ª página

por mim (e, naturalmente, serem correspondidas). Difamava parentas e amigas. Isolei-me, afastei-me de tudo e de todos — dela também — passei a viver, tal como anteriormente, só para o meu trabalho.

...E ela, depois de não ter vítimas humanas para imolar ao seu ciúme, passou a atirar as culpas do meu afastamento para o trabalho que me «obsecava»... não vendo que o trabalho era apenas um meio para eu fugir de casa.

Além de ciumenta tornou-se ainda orgulhosa da «sua» riqueza, dos «seus» carros, dos «seus» criados, dos «seus» palacetes. A única coisa, porém, que eu ambicionava ainda — crianças alegres e sadias correndo nos jardins — nunca as quis. «Que eram uma maçada» — dizia. «Que custavam uma fortuna», que «roubavam toda a liberdade de movimentos» — de que ela necessitava

para me espiar continuamente...

Hoje ao olhar, por vezes, a foto que repousa sobre o piano agora sempre fechado — única recordação da rapariga simples, modesta e meiga com quem julguei poder ser completamente feliz — pergunto a mim mesmo: o que é que fiz de mal? em que errei ao procurar o caminho da felicidade? Não sei, pois esforcei-me sinceramente para ser tudo aquilo que uma rapariga espera do marido ideal. Mas tenho visto que a minha mulher, precocemente envelhecida com tantas preocupações imaginárias; vivendo uma vida inútil, oca, sem finalidade; matando o tempo com ralhos à criadagem, cenas a mim e queixas às amigas, não é uma excepção. Por isso creio que não há explicação possível, que elas se tornam assim, independentemente do marido que tenham ou da vida que levem. Mas por quê? «Por que é que elas são assim?»

Aqui é Portugal

Por aqueles que partiram a sorrir Jovens e confrontes.

Por aqueles que partiram para servir Nas terras distantes do nosso Além-Mar.

Por aquelas mães que recalçando as mágoas de mãos erguidas ficaram a rezar.

Pela Angola morena onde os homens sem Pátria semearam traições.

Pela Angola morena onde os homens sem medo escreveram novas páginas de trágica epopeia,

Pela Angola morena pedaço ensanguentado deste Luso rincão.

Por aqueles que ficaram nas terras devastadas com os lábios cerrados e armas na mão.

Por aqueles que seus mortos enterraram com os braços cansados de tanto lutar.

Pelos heróis de Mucaba, e pelos homens sem nome que preferiram a morte à servil rendição.

Pelas nossas patrulhas que por estradas destruídas em marchas forçadas procuravam salvar vidas.

Por aqueles que ao mundo atónito responderam lavando as afrontas com seu destemor.

Por aquelas que a Pátria quiseram maior e pela Pátria indivisa seu sangue verteram.

Pelos nobres Bailundos que lutando tombaram e aos cruéis invasores jamais se renderam.

Pela nossa Bandeira que tremulando a vento, simboliza o orgulho da Pátria mortal.

Pelas nossas vilas pelas nossas aldeias, pelas nossas cidades e pelos nossos portos por todos os vivos e todos os mortos gritemos bem alto:

Aqui é (PORTUGAL)

por Albano Uvinha Araújo

Caires

Continuação da 3.ª página

de Cima: 8.º Ana Pereira, Freixeiro; 9.º Delfina de Jesus Ferreira Brandão, Freixeiro; 10.º Lucinda da Costa Brandão, Pousadas; 11.º Rufina Pinheiro Fernandes, Outeiro; 12.º Delfina de Fátima da Silva Faria, Sobreira; 13.º Palmira de Jesus Costa da Silva, Cruz; 14.º Aurora Rosa Arantes Pereira, Cruz; 15.º Maria da Glória Arantes da Silva, Requeixo; 16.º Maria Alcinda da Cunha Antunes, Freixeiro; 17.º Ilda Vieira Fernandes, Freixeiro; 18.º Carolina de Jesus Antunes, Cal; 19.º Maria de Jesus da Silva, Monte de Baixo; 20.º Luiza Alves, Pênas.

Grata Notícia

A Nossa Ex.ma Câmara, mui dignamente presidida pelo Dinâmico presidente, Ex.mo Senhor Doutor Eduardo Gonçalves, mandou fazer ao mui competente Engenheiro da mesma Câmara Municipal, uma planta completa da Estrada Nova, que se vai abrir no Monte de S. Pedro Fins, afim de ser apresentada ao Governo da Nação, o quanto antes, afim de lá vir a necessária Participação. Espera-se, pois, que, a tão suspirada e desejada *Estrada Real de S. Pedro Fins*, seja, dentro em breve, uma consoladora realidade. Parabéns. Um abraço a todos. Trabalhem todos por S. Pedro Fins.

Casamentos

No passado Sábado, no Templo Magnífico do Sameiro, casou-se com todo o jubilo e esplendor, a Gentil Menina Maria da Conceição Dias, a filha da Florinda, do lugar do Paço, com o Senhor Domingos Costeira de Sousa, mestre de obras, de Adaúfe. Teve um lindo acompanhamento, e um grande jantar na Marisqueira, em Braga, e uma solene recepção no Paço, em Caires.

Casou-se também, na Igreja de S. João do Souto, da Cidade de Braga, o Senhor Bernardo Antunes, do lugar do Sobrado, com a gentil menina Maria de Jesus Oliveira, da freguesia de Barreiros. O Escondidinho de Braga, serviu muitíssimo bem.

Também se casou na Matriz de Caires, o Senhor Joaquim Fernandes de Sousa, da Feira Nova, com a também gentil menina Amélia de Jesus Fernandes Rodrigues, a fidalga do lugar da Cruz. Teve também um casamento fidalgo. Parabéns e felicidades a todos.

C.

«A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos desde os mais simples aos mais luxuosos.

Perguntou a Salazar o jornalista Brasileiro

Continuação da 1.ª página)

minar a sua posição, «no próprio interesse da sua política atlântica», relativamente a Angola.

Que poderá acontecer — perguntou, em seguida, Alves Pinheiro — no dia em que Salazar morrer?

— «O Governo continuará» — respondeu, tranquilamente, Salazar. E prosseguiu: — «Morre o homem, fica o regime. Porque este é, de facto, um regime e não o Governo de um homem. Há uma organização política. Existem poderes constituídos. O combóio continuará a correr nos mesmos trilhos. O Presidente da República escolherá outro Presidente do Conselho, que poderá ser melhor ou pior do que o actual. A sua pergunta implica o pressuposto de que temos aqui em Portugal um Governo pessoal e de que eu sou o Governo. Ora eu não sou senão um Ministro do Governo. Acima de mim está o Presidente da República, que poderá hoje ou amanhã exonerar-me, substituir-me. E eu irei tratar de outra vida»...

A meia noite os martelos começam a trabalhar

Continuação da 1.ª página)

gressar ou fugir. Unidades do chamado «Exército Popular», armadas até aos dentes, e da policia da zona soviética levantaram nessa noite barragens nas oitenta passagens de sectores e colocaram soldados ao longo de toda a linha de demarcação. Paralisaram-se por completo os transportes colectivos entre as duas partes da cidade.

Na madrugada de 13 de Agosto aglomeram-se junto à Porta de Brandenburgo os primeiros alemães de Berlim Ocidental. Pelo meio dia a multidão já conta milhares que demonstram contra o acto arbitrário dos detentores do poder no sector soviético e no domingo à noite mais de 15.000 berlinenses reúnem-se junto ao símbolo de Berlim com archotes e cantam o hino nacional alemão. As sentinelas na parte leste olham de faces contraídas. Será verdade que neste ponto alemães enfrentam alemães? O Partido Socialista Unido da Zona de Ocupação Soviética enviou para junto da linha de demarcação as suas tropas mais fiéis. Quem vê as fisionomias dos jovens soldados não pode crer que abriam fogo sobre os seus conterrâneos. Estes homens com as pistolas automáticas soviéticas no braço ainda são jovens; nunca ouviram outra coisa senão a propaganda de ódio. Ninguém sabe exactamente o que fariam no momento decisivo.

Auxiliai os Bombeiros V. de Amares

Carta de Lago

Continuação da 3.ª página

senhores Tomás Ribeiro Soares, e Francisca Borges Ribeiro, do referido lugar.

Desordens

É raro haver um domingo ou dia santo completamente ordeiro. As desordens mostram falta de respeito pelos direitos dos outros e, deixai-me dizê-lo, também mostram falta de Juízo. O facto, porém, de se darem nos dias de descanso, mais do que em qualquer outro dia, mostre bem os motivos causadores: o jogo e o excesso de bebidas.

Julgo ser útil um correctivo eficaz para os embriagados afim se libertar a sociedade dessa peste.

Seria prendê-los e dar-lhes um banho de água fria...

E por hoje, amigos, é tudo.

Vosso. J. Moreira

Novos corpos gerentes da sopa dos pobres

Continuação da 1.ª página

tituidos: Direcção — vice-presidente António Narciso Gonçalves de Macedo; secretário Paulo Barbosa de Macedo; tesoureiro António Baptista de Macedo Fernandes; 2.º secretário José Manuel Martins.

A. Geral-presidente José Manuel de Macedo; vice-presidente Francisco Calheiros de Abreu; secretário António Geraldino dos Santos Meneses e António Bernardino de Macedo.

A posse efectuou-se na passada quinta feira. Na sede da «Sopa dos Pobres» compareceu um numero elevado de assistentes, entre os quais muitas senhoras, que quiserem, dessa maneira, expressar a sua esperança e simpatia aos novos corpos gerentes.

No acto proferiram-se expressões do maior interesse e os empossados foram muito cumprimentados.

Carro de Aluguer

Vende-se

Marca Opel Kapitán, 52 bom estado geral e com licença de Aluguer, nas Termas do Gerês.

Ver ou tratar Pensão Baltazar

TRIBUNA LIVRE

é distribuída em Braga no Quilisque Central Largo do Barão de São Martinho

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

Antigo Padroado de Rendufe

e dahi que apanhava ametade da casa de Montariol, e dahi que hia em direitura ao ryo pelo sitio das poças que ficam abaixo da casa de Montariol, por onde lhe parece chamam as Fontelhas, e pela divisão da quinta das Bouças, que a divide do Mato do Cabido, e mais abaixo para o ryo, e junto a ele por dentro da mesma quinta, por onde parte o mesmo Capitão das Bouças o dizimo para Barreiros, e que pelo mesmo sitio hia uma regueira por onde decorriam algumas agoas por ela nasciam e vinham os enxurros, o que hoje se acha confundido, e a terra lavradia, e ainda os donos da mesma casa de Montariol costumam ainda hoje atalhar as agoas bravas de fora da cancella para não hirem juntas a procurar a mesma casa, para não escavar a terra, e que pelo referido sitio por onde se dizima, se capacita serem os limites das ditas freguesias por ser sem duvida que este uzo se pratica pelo que se ouve aos antigos, e que esta era a sua determinação conforme entendia em sua consciencia, de que para constar fiz este, que ele assignou com ele Doutor Juiz do Tombo...

Vai ter à pedra da Serra, e fica a dita pedra de Prozello da banda do Sul, e dahi corta agoas vertentes, e vai ter a um mato que é do Cabido de Braga, e vai pelo caminho velho ter a um Salgueiro que está no cômodo de Pedro, Rodrigues, e dahi vai ter ao longo do pomar, a saber, da tapagem do pomar de Pero Rodrigues ao longo do ribeiro que vai ter ao ryo, e dahi torna ao longo do ryo para cima. Isto foi tirado treslado do Tombo do Reverendo Abbade de Prozello, e do Escrivão Caetano José Malafaia..

... e ahi na dita audiencia pelo Reverendo Jose Antonio Pereira Marinho Falcão Abbade de São Thome de Prozello foi requerido a elle Doutor Juiz do Tombo que protestava não lhe ser prejudicial em cousa alguma ao direito da sua igreja a tenção do louvado António Rodrigues da freguesia de Barreiros, nomeado pelo Reverendo Dom Abbade do Mosteiro de Rendufe atombante, pela razão de lhe ser inteiramente suspeito por ser amigo do mesmo Mosteiro e do Padre Recebedor, e vir ao Recibo ajudar a medir, e apaixonado pelo mesmo Mosteiro, e por esta e mais razões o eu pôr averbado de suspeito, a qual suspeição sendo necessario jura debaixo do juramento de suas ordens, e que protestava louvar-se novamente, e que os louvados requeria fizessem a louvação à vista do Tombo e suas confrontações como dos títulos, que protestava juntar de novo para o que pedia tempo. E logo na mesma audiencia pelo Padre Procurador do Mosteiro de Rendufe, Frey Manoel de Santa Gertrudes foi requerido que igualmente dava de suspeito a João Machado, louvado pela parte do Reverendo Abbade de Prozello, porque de novo lhe veio a noticia que ele Louvado era sumamente obrigado ao dito Abbade por lhe ter ajudado a ordenar o filho dele Louvado, de quem foi mestre de gramática, e ter mais muita amizade, e que lhe não fosse prejudicial a sua tenção, que assim o protestava, e de se louvar em outro sendo necessario, e que não convinha se lhe concedesse mais tempo do que o de oito dias, o que visto e ouvido por ele Doutor Juiz do Tombo, que mandou tomar o presente protesto, e que lhe concedia quinze dias para indagar e averiguar os títulos para a dita averiguação e de que se possa valer, de que para constar...

Petição — Diz o Dom Abbade do Mosteiro de Rendufe que ele Suplicante tem por noticia que no dia de hoje, trinta e um de Março, fizera Vossa mercê audiencia a requerimento do Reverendo Abbade de São Thome de Prozello, e nela por requerimento que este fez sobre a confrontação e lemitação da São Pedro de Barreiros com a do Suplicado, lhe concedera quinze dias para a averiguação dela, e juntar os títulos respectivos à mesma, o que parece não ter lugar em razão de estar bem clara e distinta a demarcação por onde se dizima para uma e outra parte, e muito mais pelas informações que Vossa mercê no mesmo acto tomou, e quer o Reverendo Suplicante que Vossa mercê mande que sem embargo do dito tempo se prossigam os termos da dita demarcação, à revelia do Reverendo Suplicado, visto ter este sido notificado para a dita diligencia com pena de revelia, e se ter mostrado que os requerimentos do Reverendo Suplicado são morosos, e que no consentimento, que seo Padre Procurador na audiencia de hoje deu de que se concedessem oito dias ao Suplicado para juntar títulos, e que sem embargo disso vossa mercê lhe concedera quinze dias, o

* As reticências evitam escusadas repetições.

(Continua no próximo número)

Carta de Ruivães

Continuação da 6.ª página)

nos dignificará.

Cristo quando agonizava na Cruz, vaiado, escarnecido, pumilhado por uma condenação injusta e cruel, nem assim deixou de pedir ao Seu Eterno Pai que perdoasse aos seus tirânicos algozes, porque não sabiam o que faziam.

Sigamos-lhe o exemplo, para mostrarmos que sómos seus filhos, redimidos pelo seu sangue preciosissimo.

Agora reparo que me ia afastando do assunto que pretendia focar nesta minha desataviada carta.

É que o coração muitas, vezes, também se impõe.

Eu pretendia fazer justiça ao Senhor Presidente da nossa Câmara Municipal, que comigo tomou o compromisso, ainda antes da sua posse e também na ocasião em que esta teve lugar, de meter ombros á electrificação desta freguesia.

Tenho acompanhado de perto, em Lisboa, este importante caso e foi com muito aprazimento que soube, há cerca de dois meses, que o Senhor Presidente da nossa Câmara tinha estado, tempo antes, na Direcção Geral dos Serviços da Electricidade, a interessar-se pela concessão da participação do Estado a favor de Ruivães. Sempre tive o senhor Presidente da Câmara na conta de pessoa honesta e é com satisfação que aqui o proclamo.

Quere isto dizer que concordo com a solução dada ao problema político de Vieira?

Longe disso.

Mas é natural que S. Ex.cia procurará tirar da situação de bigorna de bons Salazaristas que já andam cansados de sofrer as duras pancadas de martelo de certas pessoas que cuidam mais de si próprias do que do engrandecimento da União Nacional.

Palpita-me que a seriedade do Senhor Presidente da nossa Câmara o há-de levar a dar solução honrosa e honrada a este assunto, que é da mais alta transcendência.

Oxalá assim suceda.

Amadeu César

Condições de Assinatura

Continente	
Ano	50\$00
Semestre	25\$00
Ilhas	
Avião—ano	150\$00
Semestre	75\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	30\$00
Brasil	
Avião—ano	150\$00
Semestre	75\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	30\$00
Estrangeiro	
Avião—ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	40\$00

«Isso foi o sinal para mim...»

Continuação da 1.ª página)

de espírito é extremamente mau. Há frequentemente discussões acaloradas nas quais os colegas dão largas as suas críticas dos erros cometidos no domínio da economia». — «E quando estão próximos funcionários do Partido todopoderoso? — «As críticas redobram apesar do perigo. Muitos creem que os sovietas se lançarão na guerra por causa de Berlim». — «E o que dizem os funcionários do Partido? — «Podem dizer o que quiserem: já ninguém acredita. Mas ameaçam de fechar a boca aos «inimigos da classe». O secretário do Partido dirigiu-me uma ameaça muito expressiva: Ajustaremos contas contigo mais tarde. Tomei exactamente nota do que disseste! Como sei que realizam muito depressa tais ameaças, fugi».

«Nos últimos dias mobilizaram na nossa empresa os «grupos de combate» em face do estado depressivo cada vez mais pronunciado», conta outro operário. «Durante o trabalho anunciaram repentinamente um exercício, na própria empresa. É provável que se trate de uma advertência.» — «Uma advertência de que?» — «Devíamos assinar

uma resolução a favor do Tratado de Paz da União Soviética. Mas não queríamos assinar porque com isso tornaríamos definitiva a cisão da Alemanha. A direcção do Partido declarou que se occuparia dos «traidores» um a um. — Disseram-me que eu seria um dos primeiros. Isso foi para mim o sinal de na noite seguinte fugir para Berlim Ocidental.»

E ainda as declarações de um guarda-livros de uma estação de empréstimo de máquinas agrícolas: «A estação só é mantida em funcionamento á muito custo. Metade dos tractores estão parados por faltarem peças sobresselentes. Os mecânicos trabalham nos campos, tendo-se encarregado leigos de proceder às reparações. O abastecimento com carburante também não funciona. Mas quando vêm os funcionários da sede do concelho, mandam encher os depósitos dos seus automóveis e proceder a reparações apesar de já reinar a maior confusão. Finalmente mandaram inspectores do Partido Socialista Unido, encarregados de procurar os sabotadores. Fui-me embora apesar de ter a consciencia absolutamente limpa...

Marcha de Angola

I

Ó povo heróico
Português,
Num esforço estoico,
Outra vez
Tens de lutar,
Vencer, esmagar a vil traição!
P'ra triunfar,
Valor te dá o teres razão

II

Angola é nossa
Gritarei
É carne, é sangue
Da nossa grei
Sem hesitar
P'ra defender
É pelejar
Até vencer

III

Ao invasor
Castigar com o destemor
Ancestral
Deter destroçar
Vencer escorraçar
E gritar

IV

Angola é nossa
Angola é nossa
É nossa é nossa
ANGOLA É PORTUGAL

Visado pela C. de Censura

Tribuna Desportiva

Para poder jogar na Itália, mudou de Pai

E faz passar a mãe pelo que não era...

Oficialmente, e a partir de ontem, o português Jorge Humberto Gomes passou a ser o italiano Giorgio Raggi, filho natural do italiano Vittorio Raggi, de 74 anos, que declarou em Milão, sob juramento e perante um notário, ter conhecido em Cabo Verde a «mãe de Jorge Humberto», e considerar este seu filho. Graças a este estratagem, Jorge Humberto (agora Vittorio Raggi) passa a poder jogar na equipa de futebol do Internazionale do Milão.

Comentando severamente o inaudito facto, o «Diário de Notícias»

ESCREVE:

«Lê-se — quase e não se acredita que se leu! A ansia de ganhar campeonatos e títulos (de futebol e de outros desportos) tem levado os clubes, por intermédio de dirigentes insensatos, a actos que as leis desportivas condenam. Nunca porém, se atingira a mistificação, que é desvergonha e audácia, relatada por este telegrama.

«O caso de Jorge Humberto, que muito deu que falar devido à elevada quantia da transferência do jogador da Académica de Coimbra para

o Internazionale de Milão, tomou um aspecto que surpreenderá, certamente, toda a gente sensata. Para o clube italiano possa utilizar os serviços do jogador, não hesitaram os seus dirigentes em fabricar-lhe um pai, que jurou ter conhecido a mãe de Humberto, em Cabo Verde, e não hesitou o jogador em aceitar esta situação, como não hesitou a Federação Italiana de Futebol em achar tudo isto muito bem. Jorge Humberto negou tudo — por dinheiro. Também por dinheiro parece que as leis na Itália se moldam ao sabor das conveniências de um clube de futebol.

«Em tudo isto a influência do *mercador de escravos* que se chama Helénio Herrera foi certamente decisiva. Mas mais decisiva terá sido a vontade de Jorge Humberto, que não hesitou em negar a sua própria paternidade. E, o mais espantoso neste tristíssimo caso é tratar-se de um estudante de Medicina!

«Não há dúvida de que a situação actual do desporto exige que as federações internacionais tomem disposições severas para evitar casos como este. E, se as federações internacionais não quiserem, pelo menos que em Portugal alguma coisa se faça, que sirva de lição aos outros. Salve-se o desporto!»

Carta de Ruivães

Parece-me que já se pode dizer que esta freguesia vai ter telefone.

Dizem que o actual detentor da Caixa Postal, a quem, por direito, pertencia ficar com o telefone, não deseja ficar com os registos.

Se assim suceder, estava naturalmente indicado para tomar conta do telefone e dos registos o senhor Hermenegildo da Mota Campos, já porque está á frente dum estabelecimento comercial, situado á margem da estrada — e o telefone não deve de modo nenhum, ficar fora do alcance de quem dele necessitar — já porque é pessoa que dispõe de alguma instrução, já finalmente, porque a sua nomeação para tal cargo agradaria ás pessoas de bem desta terra.

Não se julgue que há qualquer intenção reservada da minha parte em me opôr a que o telefone saia da margem da estrada.

O que pretendo é que não se façam hoje coisas de que amanhã todos tenham de arrepender-se.

A resolução dos problemas que interessam ao público exige muita ponderação, muita prudência e muita independência.

Eu não pretendo agravar ninguém, porque não sou inimigo de ninguém e todo o meu desejo era ver este bom povo da minha terra dar-se as mãos com sinceridade cristã, e viver aquela paz que o dôce Rabilão ardentemente nos aconselhou e ensinou.

Eu queria que os homens apreciassem os homens, não pelo que a sua malícia lhes sugere, mas pelos actos que pra-

ticam.

Quem perdôa, — diz o nosso povo — parece-se com Deus.

Pois perdoemos uns aos outros, mas que a palavra perdão não leve consigo a cicuta maligna que noutros tempos conduziu ás fogueiras tantos e tantos inocentes.

Saibamos unir-nos, mas com

lealdade, mas com nobreza, mas com elevação.

A vingança é um sentimento torpe, só próprio das almas pequenas.

Quando perdoamos, elevamo-nos; quando nos vingamos, atolámo-nos miseravelmente. Eu não me tenho cansado de aconselhar a paz á boa gente da minha terra.

Venha, pois essa, paz que só

(Continua na 5.ª página)

Respondendo a um anónimo

Podia-me ter logrado
Não pondo na carta o sêlo;
Também não foi malcriado
Quando, enfim, podia sê-lo.

Mas é porco, um porcalhão,
O que não é d'estranyhar;
Mas não lhe dando eu a mão
Não me posso emporcalhar.

Por detrás do anonimato
Escondido em qualquer parte,
Qual terrorista no mato,
Dispara o seu bacamarte...

Disparou um de Lisboa
Em Odivelas um outro;
Mas esta esperta pessoa
É deste burgo tão «douto»

Nada tenho com o artigo
Higiênico, em questão;
Mas ao meter-se comigo
Lá teve a sua razão:

Foi Nambuagongo?... pois foi;
Que o fez assim espirrar.
É aí que o calo lhe doi
E o faz de raiva pular.

Não vou pôr ao seu dispor
Aquele embrulho postal,
Já que limpa o sim senhor
A qualquer velho jornal.

Já levou outro destino
P'ras impressões digitais,
P'ra descobrir o menino
Que limpa... se aos jornais.

UERBA

PERGAMINHOS DE CASTRO

Por D. S.

Memorial de Montebelo

«Continuação da Vida de D. Aleixo de Menezes»

mas o tempo mostrou em breve como esta petição fora mais contemporizar que querer cumprir o que dela se segue, e como D. Aleixo de Menezes entendesse que com a entrega do Reino ao governo dele se havia de seguir uma grande mudança de coisas, em que para sua muita idade, e para o respeito e autoridade de sua pessoa, convinha retirar a sua casa e não autorizar com suas cans e presença as novidades que antevia, a manhã do dia antes que fizessem as cerimónias da entrega, acabado El-Rei de ouvir missa, lhe pediu ouvisse de alguns fidalgos que ali estavam, o que tiveram por novidade pedir audiência quando a todo o tempo a tinha; e, parando El-Rei com o amor e veneração que lhe tinha, lhe disse o seguinte:

Dous annos ha que por falecimento de El-Rei D. João, meu S.or que Deus tem em gloria, e por voto e nomeação Sua, me foi entregue a guarda da pessoa de V.A. em idade de quatorze annos, e com ela os anseios, e o amor e esperanças de todo este Reino, que como unico Sucessor dos Reis, que tantos annos o governaram, e alcançando-o por meio de orações e lagrimas, o ama e venera com maior affecto que todos os mais; a vigilância e cuidado com que assisto a este cargo, e procurei responder ao peso dele, não encareço; porque, por grande que fosse nunca podia igualar a grandeza do depósito e confiança que de mim se fez, parecia arguir a V.A. de pouco lembrado, referindo-se serviços de que V.A. é a maior e mais íntima testemunha dos quais, e do animo com que os fiz, me mostrou Deus o fruto e satisfação que desejava, vendo antes de minha morte a V.A. em idade de tomar o Governo de seus Reinos, ornado de entendimentos, partes e inclinações dignas, não só deste Império, mas de outros

maiores, para o que Deus é grandeza do seu ânimo, e as ocasiões do tempo abrirão cedo caminho e por que os muitos annos que tenho e a nova forma de Governo não darão ao diante lugar a tão continuas e particulares advertências como até agora sabia fazer a V.A. me pareceu que devia ao contentamento deste dia e ao amor e lealdade com que criei a V.A., fazer-lhe algumas lembranças que, por feitas em tal tempo e com tal ânimo e com tal idade, merecem ser bem ouvidas em lugar de último e maior serviço que em minha vida fiz a V. Magestade.

Entrais, Senhor, neste incomparável trabalho de governar vosso Reino, em idade que, com o nome de Liberdade, e supremo Senhorio, como que se vos persuadam, senão a fugir da companhia da Rainha vossa Avó, e do Cardeal vosso Tio, não sois verdadeiro Rei, que é a traça por onde os que se querem apoderar da vossa liberdade fiam de abrir caminho á sua privança; e, como estes atendem á sua grandeza é proveito particular, aprovando por justo qualquer desejo dos Príncipes, e não lhe contradizendo cousa lícita ou ilícita, que intentem mostrar-lhe — que o tempo que tiveram sujeitos aos bons conselhos de quem com elles primeiro curava sua estimação e acrescentamento, foi uma sujeição e cativoiro indigno de sua dignidade, de onde se seguiria que, apartados de vós aqueles que com verdadeiro amor se podem enganar das faltas que há no governo, e cercado quem — por se sustentar na privança aprovelem por justos os erros do vosso gosto, e então padeça o Reino grandes trabalhos, e o ânimo de vossos vassallos não seja para V.A. o que quer dizer «costumava» Soia ser para com os Reis vossos antepassados.

E como Deus dotou a V.A. de um ânimo generoso — inclinado a fazer cousas grandes, temo que, usando deste bom fundamento, e empresas se bem menores que o vosso ânimo e coração, maior é do que prometem as forças dos vossos Reinos; e, como as que seguem este caminho me dão as causas, não pelo que são, senão pelo que querem que eles pareçam aos Reis, encobrimdo-vos a indústria e trabalho com que vossos antecedentes sustentaram a reputação de seu estado, vos engrandecerão as forças e riquezas do vosso Reino, donde se

(CONTINUA)